



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
SANTA CATARINA
CAMPUS JARAGUÁ DO SUL**

CAMILA DA MOTA HEERDT
FERNANDA DE LARA ROMUALDO DA SILVA
IZABELA CABRAL GOULART
LUIZA FERREIRA BORGES
MARIA FERNANANDA EING TOREZIN
VINICIUS DE MORAES

**Como são Construídos os Padrões de Beleza na Infância a
partir dos Contos de Fadas**

Jaraguá do Sul

2016

CAMILA DA MOTA HEERDT
FERNANDA DE LARA ROMUALDO DA SILVA
IZABELA CABRAL GOULART
LUIZA FERREIRA BORGES
MARIA FERNANND A ENG TOREZIN
VINICIUS DE MORAES

Como são Construídos os Padrões de Beleza na Infância a partir dos Contos de Fadas

Projeto de pesquisa desenvolvido no eixo formativo diversificado “Conectando Saberes” do curso Técnico em Química (Modalidade Integrado) do Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Jaraguá do Sul.

Orientadora: Isabeli Mazzon Milani

Coordenador: José Roberto Machado

Jaraguá do Sul

2016

SUMÁRIO

1. Tema.....	3
2. Delimitação do tema	3
3. Problema.....	3
4. Hipóteses	3
5. Objetivos.....	3
5.1. Objetivo geral	3
5.2. Objetivos específicos.....	4
6. Justificativa	4
7. Fundamentação teórica	4
7.1. Padrão de beleza	5
7.1.1. Padrão de beleza feminino	6
7.2. Os contos de fadas.....	7
7.2.1. Origem dos Contos de fada.....	7
7.2.2. Contos de Fadas da Disney	8
7.2.3. Formato do Conto de Fadas.....	10
7.3. Percepção de infância nos séculos passados	10
7.3.1. A percepção das crianças diante dos contos de fada	11
8. Metodologia	12
9. Cronograma.....	14
REFERÊNCIAS	15
Apêndice	17

1. Tema

Como são construídos os Padrões de Beleza na Infância a partir dos Contos de Fada.

2. Delimitação do tema

O presente projeto busca compreender os padrões de beleza contidos nos contos de fadas da Disney, bem como sua influência sobre as crianças que são expostas a esses contos, verificando se há, ou não, a perpetuação dessa ideia de beleza ao longo da juventude do indivíduo.

3. Problema

Observa-se que os contos de fadas *disneyficados*¹ apresentam um ideal de beleza e comportamento feminino: cinturas finas, cabelos perfeitamente arrumados, delicadeza, heterossexualidade, dedicação ao cuidado da casa e ideais de nobreza. Esse padrão acaba criando uma exclusão social e pessoal baseando-se no gênero, raça, etnia, orientação sexual e nacionalidade.

4. Hipóteses

- Os contos de fadas exercem influência na percepção das crianças sobre padrão de beleza;
- Ao longo da juventude, é perpetuado o padrão de beleza adquirido na infância;
- Esse padrão de beleza influencia negativamente nas relações interpessoais das pessoas;
- Algumas pessoas são mais influenciadas que outras.

5. Objetivos

5.1. Objetivo geral

¹ Contos de Fadas que foram adaptados pelos estúdios Disney.

Verificar se os contos de fadas influenciam na construção da ideia de padrão de beleza na infância e se eles se perpetuam ao longo da vida adulta, produzindo, assim, preconceitos acerca da imagem do outro.

5.2. Objetivos específicos

- Ter uma melhor compreensão acerca dos contos de fadas da Disney e analisá-los quanto aos padrões de beleza neles contidos;
- Entender a concepção de padrão ocidental de beleza, bem como estabelecer o atuante na sociedade contemporânea;
- Compreender como a criança absorve as informações a que é exposta em relação aos contos de fadas;
- Averiguar a perpetuação do conceito de padronização da beleza difundido por meio dos desenhos Disney.

6. Justificativa

Observa-se que os contos de fadas da Disney trazem um dos primeiros contatos do público infantil com o padrão de beleza feminina. As crianças são expostas a esse padrão, mesmo que de maneira inconsciente, podendo gerar efeitos negativos na formação do caráter das mesmas e preconceitos no âmbito social. Foi a observação desse problema que motivou o presente projeto de pesquisa.

Pressupõe-se que alguns dos preconceitos observados na sociedade atual são baseados nessa percepção adquirida na infância. Além disso, percebe-se a impossibilidade de atingir esse arquétipo de beleza apresentado nos contos de fadas, acarretando uma possível busca pela perfeição e frustração pessoal ao não conseguir atingi-la.

Justifica-se, então, a possibilidade de comprovar, ou não, se os padrões de beleza supostamente adquiridos na infância se mantêm na vida adulta, já que eles possivelmente atuam como influenciadores para o indivíduo, podendo ser responsáveis por aspectos do comportamento observado.

7. Fundamentação teórica

7.1. Padrão de beleza

Cada sociedade adotou seu próprio padrão e beleza ao longo da história. “Na Contemporaneidade, há uma explícita tendência à supervalorização da aparência, o que leva as pessoas a buscarem formas corporais consideradas ideais para que sejam aceitas e admiradas na sociedade” (CASSIMIRO; GALDINO, 2012, p. 76). Por exemplo, em tempos de escassez de comida, a gordura simbolizava abastamento de recursos, sendo considerada, então, bonita, e a magreza representava a miséria, não sendo desejada de forma alguma. Contudo a obesidade tem se tornando cada vez mais uma forma de exclusão, atualmente a beleza se tornou um dever social para as mulheres, e a beleza está associada a magreza (NOVAES; VILHENA, 2003, p. 20-24).

A figura da mulher feminina ainda é associada à beleza. Nossa cultura expõe a mulher como um meio de acentuar seus padrões, unindo-a à ideia de juventude, saúde e disposição (NOVAES; VILHENA, 2003, p. 24). A sociedade tolera cada vez menos a fuga deste padrão estético, tornando a beleza uma obrigação, fazendo com que seja procurada a qualquer custo (CASSIMIRO; GALDINO, 2012, p. 76).

O paradigma imposto gera uma busca pela perfeição, que acarreta em efeitos colaterais, tais como baixa autoestima, inadequação e ansiedade (MORENO, 2008, p.13). “O modelo de beleza proposto e a consciência corporal (identidade corporal do sentido estrito) que as mulheres têm de si, apontam para a crescente insatisfação que elas têm com seus corpos” (NOVAES; VILHENA, 2003, p. 25). Para os homens, não há tanta preocupação no que diz respeito à aparência, está mais relacionada a “traços agressivos e exagerados” (NOVAES; VILHENA, 2003, p. 28).

De acordo com Naomi Wolf, “A beleza não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica”. Ela compara a beleza a um sistema monetário, determinado pela política, tal que:

Na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram (WOLF, 1992, p. 15).

7.1.1. Padrão de beleza feminino

O papel social das mulheres começa a ser associado ao seu corpo possivelmente na Grécia Antiga. Para Platão, as mulheres eram reencarnações dos homens covardes que não tiveram conhecimento numa vida anterior. Hipócrates acreditava que o corpo feminino servia apenas como abrigo para a semente masculina, por sua vez mais forte que a feminina. Já Aristóteles afirmou, a partir de estudos realizados com animais, que as fêmeas tinham o cérebro menor que o dos machos (COLLING, 2004). O discurso aristotélico reforça a inferioridade da mulher perante o homem e foi utilizado pela igreja na Idade Média contribuindo para que esta se mantivesse sempre em um lugar de subordinação, justificado por sua suposta fraqueza física (KLAPISCHZUBER, 2006).

Nesta época a ideia de que a beleza exterior seria representante do caráter e da bondade interior foi se disseminando por conta dos poucos cuidados com as mínimas partes do corpo feminino que ficavam à mostra, como o rosto, as mãos e cabelos. Em meados do século XVI as mulheres, diante de tão pouca representatividade social, começaram a perceber na beleza uma maneira de se afirmar na sociedade e embelezar-se passou a ser uma necessidade, ao invés de um mero capricho. Neste mesmo período, a gastronomia da época utilizava muita gordura na preparação dos alimentos, portanto, entendia-se como belo um corpo roliço e opulento. Mas apenas as classes mais altas tinham acesso ao alimento farto, causando uma diferenciação social. (VASCONCELLOS; SUDO; SUDO, 2004).

A Revolução Industrial (século XIX) deu um novo entendimento ao corpo, agora atribuído a saúde. O excesso de gordura se tornou mal visto diante da sociedade, pois era atribuído ao desleixo. No século XX, os cuidados com o corpo, em busca da saúde e refletidos na aparência, ficaram ainda mais evidentes. As roupas mais curtas, que deixavam mais partes do corpo à mostra determinaram um novo padrão, distanciando-se cada vez mais do aceito durante a Idade Média. A mudança no vestuário feminino se fez necessário com a entrada da mulher no mercado de trabalho que exigia o uso de peças de roupas mais funcionais.

Com o passar do tempo o corpo feminino foi ganhando cada vez mais importância na mídia. A cultura da academia evidenciou o corpo exercitado e era preciso mantê-lo bem cuidado de forma que exteriorizasse a saúde interior. Outra solução para as mulheres inconformadas com as próprias formas vieram com as cirurgias plásticas.

Nos dias atuais, o padrão de beleza é institucionalizado pelos meios de comunicação em massa. Este padrão predominante na mídia mundial é baseado na magreza, livre de gordura. A beleza apresentada pela mídia é estereotipada e cria cenários que compõem uma mulher irreal, mas que é apresentada como possível.

Podemos perceber que o padrão de beleza feminino vai mudando ao longo da história, sofrendo influência direta das mudanças sociais e econômicas de cada época. A medida que a sociedade foi mudando, a mentalidade sobre a mulher, padrão de beleza, saúde, também foi passando por transformações, e, como um ciclo, um comportamento vai influenciando outros.

7.2. Os contos de fadas

Contos de fadas são narrativas que têm como principais objetivos a vitória sobre o mal e, frequentemente, a união entre o cavaleiro e sua amada. Neles, o protagonista, que geralmente passa por dificuldades causadas pela maldade de alguém, vivencia diversas aventuras envolvendo criaturas e situações mágicas. Estas proporcionam seu crescimento e seu desenvolvimento como pessoa, fazendo com que ao final da história haja uma lição de moral a ser aplicada. Ou seja:

Os contos de fadas são uma variação do conto popular ou fábula. Partilham com estes o fato de serem uma narrativa curta, transmitida oralmente, onde o herói ou heroína tende enfrentar grandes obstáculos antes de triunfar contra o mal. Caracteristicamente envolvem algum tipo de magia, metamorfose ou encantamento, e apesar do nome, animais falantes são muito mais comuns neles do que as fadas propriamente ditas (SILVA, 2010, p.10).

7.2.1. Origem dos Contos de fada

Em sua origem, os contos de fadas eram uma forma de entretenimento transmitida oralmente tanto para adultos quanto para crianças, “não havendo

consideração especial às crianças já que estas eram vistas como humanos de pequeno porte” (CORSO, 2006 *apud* SÁ, 2008, p. 12).

Os contos faziam parte do folclore e da cultura de um povo, apresentando conteúdos extremamente violentos e uma grande exploração da sexualidade. Com o tempo eles passaram a ser representados de forma escrita, e não somente oral, o que acarretou também em alterações no seu conteúdo, como retratado a seguir:

A passagem da oralidade para o texto escrito é assinalada, no conto de fadas, pela inclusão da moralidade como forma de educar crianças. A noção de família nuclear que surge com a ascensão da burguesia no século XVIII, passa a valorizar a infância enquanto etapa que merece a atenção dos educadores por ser uma fase existencial propícia à aquisição de hábitos e formação moral do futuro adulto (REIS, 2014, p. 26).

Através do tempo, os contos sofreram modificações por autores como Charles Perrault (século XVII), responsável por reescrever diversos contos populares, já que para o qual “(...) as histórias deveriam servir para instruir moralmente as crianças” (PILÉGI, 2008, p. 7).

Segundo Reis (2014), os Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm no início do século XIX recolheram mais de 100 contos tradicionais alemães voltados tanto para crianças quanto adultos e os transcreveram e a diferença entre estes e os de Perrault é que os dos Grimm estão muito mais próximos dos originais, sem as modificações morais.

7.2.2. Contos de Fadas da Disney

Walter Elias Disney se interessava pelo desenho desde sua infância e sonhava em ser cartunista. Segundo Fernanda Cabanez Breder (2013), Disney encontrou sua vocação ao trabalhar na produção de slides que eram exibidos nos cinemas. “Tendo estudado em escola de arte, Disney conhecia os rudimentos técnicos e artísticos da animação” (LOPES, 2015, p. 28), e com esses conhecimentos ele co-criou uma estúdio nessa área.

Inicialmente conhecida como Disney Brothers Studio, um estúdio de desenho animado, considera-se, de acordo com o site oficial da Walt Disney Company a assinatura do contrato de Walter Elias Disney, o Walt Disney, com MJ Winkler, em 16 de outubro de 1923 para produzir a

série Alice Comedies, como o início da empresa que conquista gerações há mais de nove décadas. (LOPES, 2015, p. 28)

Em 1937, Walt Disney produziu o primeiro longa-metragem de animação: Branca de Neve e os Sete Anões, que recebeu um Oscar honorário, marcando a história do cinema (BREder, 2013, p. 32).

Com o sucesso que se seguiu após o lançamento de Branca de Neve e os Sete Anões, os estúdios vêm lançando filmes de princesas desde então.

Para Karine Elisa Luchtemberg dos Santos Lopes, os filmes animados das princesas Disney são verdadeiros mitos modernos, pois apresentam uma realidade enfeitada sempre com um final feliz. Indo muito além das princesas, os filmes estão repletos de simbologias e se tornam um modelo: “Fazem uso de imagens arquetípicas, símbolos que representam conteúdos inconscientes e produzem efeitos psicológicos em seus espectadores” (LOPES, 2015, p. 13).

De acordo com Fernanda Cabanez Breder, as princesas da Disney são divididas em três categorias: clássicas (1937-1959), rebeldes (1989-1998) e contemporâneas (2009-2013). Essa divisão ocorre conforme a realidade histórico-social, no decorrer do tempo, interfere no comportamento das princesas (BREder, 2013, p. 10).

Branca de Neve, Cinderela e Aurora (A Bela Adormecida) seguem um padrão tão clássico que logo vêm à memória como as princesas mais belas, que têm como companhia os animais da floresta e que cantam maravilhosamente bem. Nos primeiros filmes, o papel do príncipe é pouco explorado, tanto que até o filme “A Bela Adormecida” os príncipes não tinham sequer um nome definido (BREder, 2013, p. 32-33).

Ariel (A Pequena Sereia), Bela (A Bela e a Fera), Jasmine (Aladdin), Pocahontas e Mulan vieram a partir da década de 1990 e saíram do padrão das princesas clássicas. “Bela é apaixonada por livros, Jasmine recusa-se a se casar por ordens do pai, Mulan se veste de homem para ir à guerra, Pocahontas enfrenta as leis de sua tribo e ensina um homem branco a respeitar a natureza” (BREder, 2013, p. 35), todas elas têm personalidades fortes e mudam seus destinos quebrando regras. Com a globalização do mundo a Disney começa a criar princesas de diferentes etnias para ampliar seu público (BREder, 2013, p. 35-36).

Tiana (A Princesa e o Sapo), Merida (Valente) e Elsa e Anna (Frozen: uma aventura congelante) são as princesas contemporâneas.

Diante de uma sociedade que diariamente vive conflitos de valores, onde ideias progressistas esbarram em cada vez mais pensamentos tradicionalistas, as princesas contemporâneas seguem o modelo de uma mulher que busca o equilíbrio entre sua individualidade, já incorporada, e suas emoções, tendendo a visitar alguns valores tradicionais (LOPES, 2015, p. 46).

Ainda segundo Lopes, essas princesas são independentes e mesmo no amor verdadeiro buscam uma relação de cumplicidade. Um exemplo dessa contemporaneidade é Tiana, que não poupa esforços e se dedica integralmente ao trabalho. Esses filmes também trazem a novidade de que o amor verdadeiro nem sempre é um amor romântico, como a princesa Merida e sua mãe, ou Anna que reconhece o amor verdadeiro como o amor fraternal. Os filmes das princesas contemporâneas “tratam alguns costumes tradicionais, frequentemente representados pelas princesas clássicas, com uma veia cômica, às vezes, inclusive, os ridicularizando” (LOPES, 2015, p. 48). Esses estereótipos porém estão em constante transformação.

7.2.3. Formato do Conto de Fadas

Os contos de fadas atuais são caracterizados por aspectos como sofrimento familiar, valores morais e éticos em discussão. Geralmente os fatos ocorrem em épocas imprecisas, usando palavras do tipo: era uma vez, naquele tempo, certa vez, um dia, podendo transportar os contos para quaisquer épocas com algumas poucas alterações (MAIESKI, 2016).

É comum o uso de apelidos nos personagens, como Soneca, Chapeuzinho Vermelho e Bela Adormecida, assim como diminutivos: Joãozinho, pobrezinho, pequenino. Também há personagens caracterizados por adjetivos, tanto bons quanto ruins: bela, maravilhoso, boa pessoa, malvado, feia, perigoso. Tem uma narrativa que geralmente é curta, e utiliza uma linguagem simples (MAIESKI, 2016).

Pode-se observar que como os filmes dos contos de fada da Disney são inspirados nos contos escritos, eles seguem formatos semelhantes aos mesmos.

7.3. Percepção de infância nos séculos passados

Nos séculos passados a formação profissional da criança era mais rígida e precoce, tanto que quando chegavam a idade de aproximadamente 6 a 7 anos, que hoje é considerado o momento em que a criança está começando a aprender a brincar com números, letras e formas, ela teria que iniciar nos trabalhos que adultos executavam, e assumiam desde cedo tarefas que atualmente são proibidas por lei. Não havia separação entre adultos e crianças, elas eram consideradas uma “versão miniatura do adulto” (COLL; PALACIOS; MARCHESI, 1955, p.10).

Da forma como os conhecemos na atualidade, crianças e adolescentes são “inventos” socioculturais relativamente recentes. Durante séculos, as crianças foram consideradas como adultos menores, mais frágeis e menos inteligentes. Na idade média, a partir dos sete anos as crianças tornavam-se aprendizes sob a tutela de um adulto, passando a ter responsabilidades que se tornavam progressivamente mais próximas à dos adultos (COLL; PALACIOS; MARCHESI, 1955, p.10).

Entretanto, conforme o passar dos séculos, a partir de movimentos culturais e religiosos, começou-se a dar mais importância à educação das crianças, assim como houve uma maior separação entre elas e os adultos, trazendo a pauta do

(...) descobrimento da infância, sua consideração como etapa diferente da idade adulta e seu tratamento também diferenciado. À medida que concepções fatalistas e predeterminantes da vida humana vão desaparecendo, as pessoas sentem-se mais protagonistas de sua própria existência e atribuem um papel importante à educação das crianças (COLL; PALACIOS; MARCHESI, 1955, p.10).

7.3.1. A percepção das crianças diante dos contos de fada

Como visto anteriormente, a infância tem passado por diversos processos, de modo que seu conceito nos dias de hoje pode ser compreendido como:

(...) período que compreende desde o nascimento até idade aproximada de doze anos. Neste período, ocorrem as primeiras trocas entre as crianças e o meio onde vivem, a criação de vínculos, as socializações, as brincadeiras e a aprendizagem. (RIBAS; BORENSTEIN; PADILHA, 2007, p. 42)

As crianças de idade entre os 5-6 anos e os 8-9 anos são mais comumente influenciadas pelos estereótipos a que são expostas, assim criticando, ridicularizando e desaprovando quem se desvia deste estereótipo (COLL; PALACIOS; MARCHESI, 1955, p. 248).

De acordo com as leituras vistas, pode-se observar que quando a criança está em desenvolvimento, procura se espelhar aos exemplos que lhe são mais atraentes. Dentre eles estão os contos de fadas.

Durante sua formação, a criança busca observar o que está a sua volta, as pessoas, cores, sabores, desenhos, acontecimentos em geral, e isso vai acontecendo aos poucos. Quando são apresentadas aos contos *disneyficados* e se identificam com os personagens, começam a querer ser como eles, vestindo roupas, calçados e acessórios, em geral iguais aos desenhos. Mas por que as crianças fazem essas escolhas? “A forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida” (BETTELHEIM, 2002, p.8). Então, “as escolhas das crianças são baseadas não tanto sobre o certo versus o errado, mas sobre quem desperta sua simpatia e quem desperta sua antipatia” (BETTELHEIM, 2002, p.10).

Pode-se observar que a criança pode se identificar com uma história quando percebe que não é a única que está passando por alguma dificuldade ou desafio, e por isso se sente amparada, identifica-se com o personagem que está passando pelo que ela passa, independentemente da personalidade e começa a querer ser como ele.

A questão para a criança não é "Será que quero ser bom?" mas "Com quem quero parecer?". A criança decide isto na base de se projetar calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também. (BETTELHEIM, 2002, p.10)

Por meio dessas, e outras, experiências a criança começa a desenvolver sua maneira de agir e pensar, formando aos poucos a sua percepção de mundo.

8. Metodologia

Quanto aos métodos de aplicação e análise da pesquisa, pode-se classificá-los em:

Pesquisa quantitativa: Traduz em números as opiniões e informações para serem classificadas e analisadas. Utilizam-se técnicas estatísticas.
Pesquisa qualitativa: É descritiva. As informações obtidas não podem ser quantificáveis. Os dados obtidos são analisados indutivamente. A

interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa (RODRIGUES, 2007, p. 9).

Como ao decorrer da pesquisa pretende-se analisar os dados obtidos tanto de forma qualitativa quanto quantitativa a pesquisa se classifica como quali-quantitativa.

Para a realização da pesquisa será feita, primeiramente, uma revisão da bibliografia sobre o assunto, a partir da leitura de pesquisas e textos já publicados, como artigos, monografias e livros. Para o presente projeto foram revisados, até o momento, conteúdos acerca de contos de fada, padrões de beleza e a sua influência nas crianças, bem como a construção da identidade das mesmas. Para uma melhor compreensão e análise dos contos de fadas da Disney a equipe assistiu as animações Cinderela (1950), A Bela Adormecida (1959), A Bela e a Fera (1991), Pocahontas (1995), Mulan (1998) e A Princesa e o Sapo (2008), todos dos estúdios Disney. Pretende-se, também revisar autores como Bruno Bertelheim e Nelly Coelho, além de materiais ainda não contemplados sobre padrões de beleza, principalmente.

Propõe-se a realização de uma entrevista estruturada, “aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas (...) é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 197), em uma escola, que ainda será definida, com crianças de 7-8 anos, logo após estas serem expostas a um conto de fadas *disneyficado*, elaborado pelos integrantes do grupo (Apêndice 1). A entrevista, cujo objetivo é verificar a presença, ou não, de um arquétipo de beleza feminina nas crianças, consistirá em perguntas sobre a aparência da princesa do conto apresentado, por exemplo: a cor dos olhos; do cabelo; da pele da princesa, etc., sendo estas perguntas computadas de forma quantitativa. Esta faixa etária foi escolhida pois, de acordo com a pesquisa bibliográfica feita até então, nesta idade as crianças é mais suscetível a sofrer influências externas na construção de sua concepção de mundo.

Um dos integrantes do grupo fará a leitura do conto criado para a turma de crianças, enquanto os demais observarão a reação das crianças. Logo após a realização da leitura, a entrevista será aplicada pelo grupo. A turma será dividida entre

os integrantes, e cada integrante fará a entrevista separadamente, uma criança por vez, para que as mesmas não sejam influenciadas pelas respostas de seus colegas.

Para averiguar a suposta perpetuação desse padrão de beleza será aplicado um questionário em alunos, preferencialmente na mesma escola anterior, nas faixas etárias de 12-13 anos e 16-18. As perguntas serão tanto objetivas quanto descritivas, tendo assim um questionário quali-quantitativo.

Para estas faixas, o conto será entregue de forma impressa, para leitura individual dos alunos, e em anexo irá o questionário, ao qual eles deverão responder após a leitura.

A parte quantitativa da pesquisa será analisada com base na quantidade de respostas iguais fornecidas pelos alunos, já que as perguntas serão objetivas. Com base nos dados obtidos, serão construídos gráficos que representarão os resultados desta etapa da pesquisa.

Como o questionário será composto também por perguntas qualitativas, ele resultará em respostas subjetivas, que serão analisadas pelo grupo de forma a interpretá-las com base nos estudos feitos até então, buscando compreendê-las para aprofundar os dados obtidos com o método quantitativo.

A etapa final consistirá em uma comparação entre os dados obtidos pelas entrevistas e pelos questionários, buscando averiguar a repetição de padrões nas diferentes faixas etárias, constatando, ou não, a perpetuação desses padrões.

9. Cronograma

Atividade 2016/2	Ago 2016	Set 2016	Out 2016	Nov 2016	Dez 2016
Revisão de literatura	X	X	X	X	
Entrar em contato com a escola	X				
Elaborar questionário	X				
Aplicar o questionário		X			
Levantamento e análise de dados			X		
Apresentação				X	

REFERÊNCIAS

BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e príncipes encantados: A representação feminina nos filmes de princesa da Disney**. Orientador: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa. Monografia (Graduação em Comunicação social Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de comunicação - ECO. Rio de Janeiro, 2013

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de fadas**. 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASSIMIRO, Érica Silva; GALDINO, Francisco Flávio Sales. **As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga à contemporaneidade**. Orientador: Geraldo Mateus de Sá. Universidade do Estado do Pará. São José, 2012.

HEINZELMANN, Fernanda Lyrio. **Corpos que Desfilam: imagens de moda e a construção de padrões de beleza**. Porto Alegre, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2011.

HIDALGO, Victoria; PALACIOS, Jesús. Desenvolvimento da Personalidade dos 6 aos 12 anos. In COLL, César; MARCHESI, Alvaro; PALACIOS, Jesús (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995. v.1. p. 248.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas S. A, 2003

LOPES, Karine Elisa Luchtemberg dos Santos. **Análise da evolução do Estereótipo das princesas Disney**. Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do Centro Universitário de Brasília UniCEUB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. Orientadora: MsC. Úrsula Betina Diesel. Brasília, 2015

MAIESKI, Márcio. Material não publicado, Jaraguá do Sul, 2016.

MORENO, Rachel. **A beleza impossível: mulher, mídia e consumo**. São Paulo: Àgora, 2008

NOVAES, Joana V.; VILHENA, Junia de. **De Cinderela a Moura Torta: sobre a relação mulher, beleza e feiura**. INTERAÇÕES p. 9-36 JAN-JUN 2003. vol. 8, n. 15

PALACIOS, Jesús. Introdução à Psicologia Evolutiva: Historia, Conceitos Básicos e Metodologia. In COLL, César; MARCHESI, Alvaro; PALACIOS, Jesús (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995. v.1. p. 10.

PILÉGI, Eliane Teresinha. **Um possível olhar da criança para as intenções implícitas nos contos de fadas.** Orientador: Professora Edinéia Navarro. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado às Faculdades Maringá Instituto Paranaense como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa. Maringá, 2008.

RIBAS, Dorotéia Lopes; BORENSTEIN, Miriam Süsskind; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. **Iluminando as vivências de indivíduos em sofrimento psíquico de um Caps em Florianópolis.** Florianópolis, 2007

REIS, Simone de Campos. **O que são contos de fadas?** Recife: UFPE, 2014

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica.** Paracambi: FAETEC/IST, 2007

SÁ, Caroline de. **O lugar dos contos de fadas na atualidade.** Orientador: Prof. Michele Kamers. Trabalho de conclusão de curso apresentado no Curso de Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Saúde de Universidade Regional de Blumenau, como requisito parcial para a obtenção do título em Bacharel em Psicologia. Blumenau, 2008.

SILVA, Maria Verônica Oliveira da. **O encantamento dos contos de fadas.** Orientador: Prof. Natália de Lacerda Gil. Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS. Porto Alegre, 2010

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992

APÉNDICES

Apêndice 1

A princesa Angelina

Era uma vez um reino muito distante onde vivia um rei e uma rainha muito bondosos. Eles tinham uma filha tão boa quanto eles, seu nome era Angelina. Ela era muito querida e amada pelo seu povo. Todos os dias, no final da tarde, a princesa ia de casa em casa distribuindo comida aos que não tinham nada para comer, isso ela aprendeu desde muito pequena com sua adorável mãe. Porém havia uma casa que Angelina nunca visitava, pois ficava muito perto da floresta, quase encoberta pela vegetação, em um lugar muito escuro, e parecia abandonada. Angelina tinha muito medo de passar por ali, e por isso deixava esta casa de lado.

O que ela não sabia era que ali morava uma bruxa, conhecida pelo nome de Luna. Esta bruxa ficou muito chateada com a princesa, por ser sempre ignorada. Certo dia, tomada de raiva, Luna atraiu Angelina com sua mágica para o coração da floresta, e a escondeu em uma gruta atrás de uma cachoeira, dizendo que apenas o seu verdadeiro amor poderia tirá-la de lá.

Todos ficaram muito tristes com o sumiço da princesa, e muitas pessoas foram mandadas atrás dela, sem sucesso. A floresta era grande demais e somente os mais corajosos a desbravavam. Além disso o feitiço da bruxa impedia que a princesa fosse encontrada por qualquer um, exceto por seu verdadeiro amor. O povoado foi então tomado pela tristeza, e já ninguém sorria como antes.

Certo dia, um príncipe muito corajoso, chamado Bravos, estava cavalgando na floresta. Sem perceber ele foi adentrando cada vez mais por entre as árvores, até que ouviu a mais bela voz que jamais escutara. Ele seguiu essa voz, que o levou para um lago, no qual caía uma maravilhosa cachoeira. Bravos procurou à sua volta, esperando ver a jovem dona daquela voz, mas não viu nada. Mesmo assim continuava ouvindo a canção, acima do barulho da queda da água. Ele procurou nos arredores, mas não viu ninguém. Num certo momento, a música parou. Desapontado, Bravos voltou para o seu reino, com a voz ainda ecoando em sua mente.

Enquanto isso, a princesa vivia triste. Ela estava muito solitária naquela gruta, sem nenhum amigo para conversar. Sua mente lhe pregava peças, um dia ela pensou

ter ouvido alguém do lado de fora enquanto cantava. Angelina pensava com muita saudade na sua mãe e nos seus ensinamentos sobre o amor e coragem e, apesar de tudo, tinha a esperança de sair de lá.

Bravos não conseguia parar de pensar na voz e por isso voltava todos os dias ao lugar onde a ouvira pela primeira vez, na esperança de encontrar a dona da canção. Depois de vários dias, ele percebeu o motivo de tudo isso. Estava apaixonado pela dona da voz, mesmo sem nunca tê-la visto.

No momento em que percebeu isso, o príncipe notou que havia uma sombra por trás da queda d'água. Sem pensar duas vezes, ele pulou no lago, atravessou a correnteza e encontrou uma gruta, onde estava Angelina, a dona da voz pela qual ele se apaixonou. O príncipe a tirou de lá e a levou de volta ao castelo, onde foram recebidos com muita alegria.

Todo o reino entrou em festa, as pessoas voltaram a sorrir e a alegria voltou a viver naquele povoado. O rei e a rainha fizeram uma grande festa para agradecer ao príncipe Bravos, por ser tão destemido.

Angelina contou aos pais tudo o que aconteceu, então o rei e a rainha mandaram os soldados buscarem Luna em sua casa. Ao ser levada para o castelo, Luna achou que seria castigada pelo que fez, contudo Angelina, em sua infinita bondade, pediu desculpas a Luna, por tê-la ignorado antes.

Eles conversaram muito entre si e decidiram perdoar Luna, desde que daquele dia em diante ela aceitasse ajudar a princesa a distribuir comida aos necessitados. Luna não gostava de fazer isso, pois era muito egoísta, ao contrário de Angelina. Mas, com o tempo, ela aprendeu a lição e nunca mais guardou rancor das pessoas a sua volta.

Algum tempo depois o príncipe Bravos e a princesa Angelina se casaram e os dois reinos passaram a ser um só, onde todos valorizavam a bondade e a coragem. O príncipe e a princesa viveram, então, felizes para sempre.